

Redacção e administração:
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 229

ASSIGNATURAS
AVEIRO — Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

O CLERICALISMO

Combes, o presidente do ministério francez, acaba de apresentar na camara um projecto de lei terminando de vez com o ensino clerical em França.

E' o primeiro estadista republicano, que comprehende as necessidades do povo francez.

Duas vezes a França teve occasião de se salvar e duas vezes a França, por assim dizer, se suicidou. Uma foi quando surgiu a Reforma. Outra foi quando surgiu a Revolução.

Terceira vez a França tentou salvar-se. Terceira vez a França tem estado prestes a afogar-se.

Ou a terceira republica franceza esmaga o clericalismo, ou a França está perdida. Esta ultima prova é decisiva.

Francisco I commetteu um erro grave, quando repelliu a Reforma. Henrique IV commetteu um erro e um crime, quando apostatou. Luiz XIV commetteu um erro, um crime e uma infamia, quando revogou o edito de Nantes.

Desses tres homens veio o grande mal da França.

Napoleão I completou, com o desoito brumario, a obra dos Valois e dos Bourbons.

A revogação do edito de Nantes foi o grande attentado religioso. O desoito brumario foi o grande attentado politico.

Todo o interesse de Francisco I era apriar se nos protestantes. Inimigo de Carlos V, o campeão do catholicismo, o seu melhor instrumento de combate seria o protestantismo.

Em vez de se ligar com os protestantes da Alemanha e com a Inglaterra liga-se com o papa, que lhe dá de presente, para noiva do filho, a bella joia, que se chamou Catharina de Medicis. O que fez com que Napoleão justamente lhe chamasse um *heroe de torneio, um grande homem pygmeu.*

Francisco I — escrevia o prisioneiro de Santa Helena — estava admiravelmente collocado para adoptar o protestantismo á nascença e declarar-se o seu chefe na Europa. Infelizmente, Francisco I não o comprehendeu. Porque não via mais longe. Burrice do tempo, estupidez feudal! Francisco I era apenas um heroe de torneio, uma estampa de salão, um grande homem pygmeu!

Todos os historiadores e publicistas francezes, dignos de tal nome, julgam com a mesma severidade o funesto Valois.

«Era um vaidoso», escreve Al-brespy (*Comment les peuples de-dient libes*) muito superficial para poder conceber designios profundos. Os torneios, as aventuras galantes, os grandes golpes de espada a favor de sonhos de conquista, eram as suas unicas

ambições. Esta existencia de cavalleiro batalhador e presumpção não exigia esforços de pensamento e de calculo que lhe aborrecessem a existencia. Este rei, tão funesto á França, e tão popular, porque representava os seus defeitos com elegancia e desenvoltura, e que coloria a sua depravação com gostos artisticos bebidos na Italia, teria podido ter ao menos a ambição de se emancipar, como Henrique VIII, da tutela papal, o que levaria os francezes a libertar-se um dia por si proprios, como fizeram os inglezes, da auctoridade religiosa do rei. Preferiu conchuir uma concordata com Roma, julgando que ficaria sendo o senhor. Apenas conseguiu ficar escravo do papa, tornando a Igreja aliada do despotismo real e seu cúmplice na sujeição das consciencias.

Henrique II continuou a obra deploravel de seu pae.

Henrique IV pratica a sua odiosa apostasia precisamente quando bate, triumphante, ás portas de Paris. «Se Henrique IV não fosse, escreve ainda Albrespy, um verdadeiro discipulo de Montaigne, sceptico, muito accommodatício em materia de religião, muito habil politico, teria levado mais tempo a subir ao throno de França, se quizesse conservar a sua fé protestante, mas lá chegaria enfim. Henrique IV protestante não teria sido mais assassinado do que Henrique IV catholico. A França, possuindo a liberdade religiosa, ter-se-ia tornado egual da Inglaterra. Teria excluído, como esta, o direito divino dos reis e o direito divino dos povos. Não teriamos tido nem os terrores brancos e vermelhos, nem o 18 brumario, nem o 2 de dezembro, nem as saturnaes sanguinolentas da communa. Gostaríamos da liberdade politica, inevitavel consequencia da emancipação religiosa.»

Assim triumphou o papismo, podendo triumphar o protestantismo. Todos os escriptores modernos são unanimes em affirmar que Henrique IV teria imposto a Reforma, se quizesse.

O mal da França vem, pois, como o de todos os paizes latinos, do predomínio de clericalismo. Não esqueçamos nunca esta grande lição. Combes é o estadista republicano que melhor comprehendeu essa verdade e que mais corajosamente, mais lealmente, mais nobremente, tem procurado salvar a França e a Republica d'uma ruina inevitavel. Conseguiu-lo-ha? Parece que sim. Mais uma vez se prova que a audacia, aliada ao talento, é a primeira condição do successo. Combes triumphou, como teria triumphado Francisco I, como teria triumphado Henrique IV.

A França protestante era a

França intelligente. A intelligencia é a maior de todas as forças. Apoiados n'ella teriam vencido os Valois ou os Bourbons. Tiveram medo do maior numero, e entregaram-se vencidos, pelo menos Henrique IV, á estupidez.

O mesmo aconteceu com a terceira republica franceza. Todos os estadistas republicanos, sem exclusão de Waldeck-Rousseau, recuaram, medrosos, deante do clericalismo. Só Combes arrostou, impávido, esse temido poder. E quando se annunciavam revoluções não chegou, sequer, a haver motins.

Veremos o resto. Em todo o caso, não haja duvidas de que o mal da França é o clericalismo, e de que o duello, que n'ella está travado, é um verdadeiro duello de morte.

Ou succumbe o clericalismo, ou succumbe o espirito moderno, ou succumbe a Republica e a França.

Não ha meios termos, nem conciliações.

PROJECTO DE COMBES

O projecto do presidente do conselho de ministros da Republica franceza é este, em resumo.

O ensino é prohibido a todas as congregações, mesmo ás autorizadas. As congregações que só tinham auctorisação a titulo de *docentes* serão dissolvidas e os seus bens liquidados.

Os alumnos das escolas congreganistas são recebidos nas escolas publicas, sendo votado um credito para a creação de novas escolas, se necessario fór.

A execução immediata abrangue apenas a instrucção primaria. O prazo para a execução total do decreto é de cinco annos. Portanto, a instrucção secundaria irá entrando na nova lei ao passo que se forem creando os estabelecimentos precisos.

São 1:299 as escolas primarias de rapazes e 2:195 as de raparigas, regidas pelas irmãs das escolas christãs, as primeiras a ser fechadas. As congregações exclusivamente docentes são 374. Essas serão desde logo dissolvidas.

A nova despeza que isto importa para o estado é de 25 milhões de francos, ou 4:500 contos.

E' um projecto grandioso. Agora, sim, entrou a Republica em bom caminho.

A gatuagem nos mercados

A policia tem procurado dar caça aos gatunos que infestam os mercados d'este concelho.

Nesse intuito tem empregado algumas diligencias e feito algumas prisões, sendo duas d'ellas nas Quintãs, lugar onde consta que se acotam alguns dos tues meliantes.

O analphabetismo

ENSINO POR COMPANHIAS

EXERCITO

Do nosso prezado collega O Debate transcrevemos o artigo que, com o titulo acima, ha dias publicou:

«Em varias cartas publicadas nos jornaes, o capitão de infantaria 23, sr. Francisco Homem Christo, defendeu a utilidade de os capitães ensinarem os soldados das respectivas companhias, a ler, escrever e contar, dando-lhes, além d'esta instrucção, outras noções que transformassem os pobres analphabets em homens uteis e proporcionando-lhes não só o meio de ascender na carreira militar, mas de, quando deixassem o serviço, conseguir na vida civil melhor situação.»

Defendeu sempre, e defende, com argumentos irrefragaveis, a sua opinião, o sr. Homem Christo. E, porque entendeu e bem, com exemplos, comprovar o que dizia, adoptando o maravilhoso methodo de João de Deus, tanto em Vizeu, no regimento de infantaria 14, como em Coimbra, no regimento de infantaria 23, tratou de ensinar os soldados obtendo um exito admiravel, conseguindo que, recrutados ignorantes, podessem fazer exame, obtendo muitos d'elles distincção e sendo approvados como cabos e sargentos. Combatido pelos rotineiros, desajudado pelo ministro da guerra, contrariado a cada momento, o sr. Homem Christo não desanimou. E hoje, em infantaria 23, outros capitães o acompanham instruindo os soldados. Bem sabemos que não carece o sr. Homem Christo dos nossos louvores, como não se intimidaria com as nossas censuras, e o mesmo podemos nós dizer de louvores ou censuras do sr. Homem Christo a nosso respeito. Assim, pois, com a maior sinceridade, falando, como é de resto nosso habito, e falando tambem com absoluta independencia, sem bravatas e sem temores, não nos arrependemos de, por mais d'uma vez, termos louvado o trabalho do capitão Homem Christo, nem nos arrependemos de o continuar a louvar, reconhecendo que elle presta um grande serviço ao seu paiz e dá um grande exemplo aos seus camaradas. Comprehendemos, e muito bem, o alcance da sua obra, como tambem conhecemos o valor do methodo de João de Deus, e estamos certos de que, organisando o ensino litterario por companhias, o ministro da guerra merecia não ser perdoado dos erros que pratica, mas ao menos ser louvado por, enfim, ligar o seu nome a um acto patriotico. E certo que não confiamos em que o ministro, por um simples decreto, realise uma obra de tanta importancia como aquella a que nos referimos.

Entretanto, porque acima de tudo vamos o interesse nacional, muito desejaríamos poder applaudir o sr. Pimentel Pinto, ou qualquer outro ministro da guerra que decretasse o ensino por companhias. Voluntariamente, por certo, que os capitães de todo o exercito não irão dedicar-se a semelhante obra. O sr. Homem Christo, como os camaradas que o acompanham, constitue uma excepção. O seu trabalho pessoal não é inutil. Muito pelo contrario. O seu exemplo, ha-de encontrar outros imitadores, o que será excellente. Mas o esforço d'um homem não basta. E' necessario que todos trabalhem para se conseguir um resultado que será maravilhoso. Não somos exagerados empregando este termo. Repetimo-lo por isso: maravilhoso.

Educar todos os annos algumas centenas ou milhares de recrutados, arrancar á ignorancia os soldados, é não só melhorar as condições intellectuaes e moraes do exercito, mas formar cidadãos e trabalhadores conscientes porque illustrados, precisamente é o que não existe no paiz. Sob este ponto de vista é que deve ser apreciado o trabalho do sr. Homem Christo, e sob este ponto de vista o devem encantar os dirigentes do exercito. Soldados instruidos são melhores do que soldados ignorantes. E quem sair do exercito sabendo ler, escrever e contar, será melhor cidadão do que quem sair do exercito ignorante como para lá entrou. Diremos até que sahirá peor do que era. Trará muitos defeitos adquiridos na caserna e perderá algumas

qualidades boas que possuia quando para lá entrou. Ao passo que, tendo adquirido com a educação militar a illustração litteraria, resistirá aos vicios da caserna e voltará á vida civil bom soldado e melhor cidadão.

Precisamente a doutrina que o sr. Homem Christo defende ha tanto tempo, a estão defendendo agora varios publicistas italianos. Na Italia o analphabetismo, sobretudo nas provincias do sul, é tão grande como em Portugal. Aterrado com a ignorancia do povo, homens como o grande sociologo Sergi, propõem a organização de escolas moveis por conta do Estado, a fim de que, em poucos annos, o analphabetismo desapareça. E a mesma ideia posta em pratica ha mais de vinte annos em Portugal por Casimiro Freire, infelizmente desajudado e incomprehendido.

Pois quando um dia, dentro d'este regimen ou sob o regimen republicano, se queira acabar com os analphabets, ha que applicar umas centenas de contos a essa obra. O dinheiro que se tem gasto com viagens reias e obras nos palacios reaes desde 1890 até hoje, daria para organizar o serviço das escolas moveis em todo o paiz. Secundado esse trabalho com o do ensino por companhias no exercito, veríamos, com o funcionamento regular das escolas primarias para os menores, desaparecer dentro dez ou quinze annos o analphabetismo em Portugal.

Na Italia, como dissémos, fala-se agora muito na instrucção litteraria dos soldados pelos officiaes. E, d'entre os artigos de valor, publicados sobre o assumpto, acabamos agora de ler um, na importante revista *Italia Moderna*, assignado por Olivieri-Sangiaco, que merece demorado exame. Intitula-se o artigo *O analphabetismo no exercito e no paiz — A escola da nação.* E' perfeito. E pôde o sr. Homem Christo ficar satisfeito por ver que, fóra d'este paiz, ha quem, com intelligencia e saber, defende a mesma doutrina que, com justo enthusiasmo ha tanto tempo o sr. Christo defende. E' bom dizer isto ao publico, porque o nosso bom publico só considera dignos de merito os trabalhos de portuguezes quando "no estrangeiro", ha trabalhos identicos. Pois é o que succede a respeito da instrucção litteraria do soldado. Na Italia o assumpto está sendo tratado com interesse. E o artigo da revista italiana a que em outros numeros nos referimos, vem demonstrar aos portuguezes, com argumentos d'um "estrangeiro", que tem razão "um portuguez", o sr. Homem Christo, quando defende a necessidade de se organisar o ensino litterario por companhias, no exercito.

E' o que vamos mostrar, em outros artigos, aos leitores d'*O Debate.*

Valiente general

O cardeal Herrero, (não confundir com o cardeal-diabo, de cá), que tanto deu que falar no conclave do Vaticano pela gravissima doença de que alli foi acometido, acaba de fallecer em Valladolid (Hespanha), deixando em testamento 50:000 pesetas ao primeiro general hespanhol que conseguir desembarcar em terra americana um exercito bastante forte para vingar as derrotas de Cuba e Philippinas.

Claro está que esse dinheirinho apodrecerá nos cofres do Banco Hespanhol á espera do *valiente general* se, por uma boa fortuna, não houver não caridosa que o ponha a soalhar.

Era bem melhor que o cardeal Herrero se lembrasse de contemplar com esse dinheiro os pobresinhos da sua patria, que infelizmente não são poucos, e se deixasse de *valentias* guerreiras e sonhos de victorias que nunca se realizarão.

Ficava-lhe até melhor á sua miséria de padre, que deve ser toda de paz e amor.

Ou não?

Após duas semanas de terrivel invernoira, succederam uns dias amorosos e suaves que nos fazem lembrar o verão de S. Martinho.

E' possivel que o tempo assim se conserve para satisfação dos *parceiros* que este anno recebem e entregam o tradicional raminho.

Aos nossos presados assignantes e amigos enviamos o cartão de

Boas festas.

Cartas d'Algueres

23 DE DEZEMBRO.

Dizia eu na minha ultima carta que era amigo e partidario ardente da paz. E que estava muito longe de admitir, e ainda menos de proclamar, as virtudes da guerra.

Nem todos pensam assim. Grandes espiritos, até, tem pensado precisamente o contrario. O ultimo numero da *Revista*, mensario de sciencias e letras que se publica no Porto, publica uma carta de Anthero do Quental, em que, por exemplo, aquelle homem, aliás tão talentoso e tão bom, se mostra um caloroso apologista da guerra.

Para Anthero do Quental, como para outros muitos, a guerra é um elemento permanente de civilisação e d'ella derivam todas as virtudes: a generosidade, a clemencia, a abnegação, a philantropia, a moralidade, etc.

Ora basta-nos recorrer a meia duzia de factos historicos para demonstrar, sem grande custo, precisamente o contrario.

Durante a longa lucta entre a Hespanha e os Paizes Baixos, o duque d'Alba prescreveu, como um dever, roubar e matar todo o mundo nas cidades vencidas. Em Mons, depois de uma capitulação regular, os hespanhoes instituiram um tribunal marcial, que, durante mezes inteiras, condemnou dezenas de habitantes a serem decapitados, enforcados, queimados e empalados. Em Zutphen o mesmo duque d'Alba exhortou as tropas a não deixarem vivo um homem.

O exercito de Tilly, que em 1631 poz a saque a cidade de Magdeburgo, não era menos catholico e temente a Deus que o exercito do duque d'Alba. Quarenta mil pessoas foram estranguladas, queimadas e afogadas no Elba; as creanças de mamã espetadas e arremessadas ás chamas em signal de brinqueado; 54 raparigas decapitadas dentro d'uma igreja; as mulheres violadas na presença dos maridos ou junto de seus paes moribundos.

Eduardo III, rei de Inglaterra, depois de ter ganho no mar a batalha de Lécuse, e em terra a de Greçy, foi pôr cerco á cidade de Calais. João de Vienna, commandante da praça, poz fóra das muralhas, para se prevenir contra a fome, todas as bocas inúteis, mulheres, creanças e velhos, em numero de 1:700.

Os inglezes não deixaram passar os infelizes. Repellido-nos para a cidade. Esta, por sua vez, não os quiz receber. E, empurrados d'um lado, e empurrados do outro, quasi todos os desgraçados morreram de fome e de frio, entre as muralhas e o campo inglez.

Henrique V, de Inglaterra, poz cerco, em 1418, á cidade de Rouen. O commandante da praça expulso, tambem, as bocas inúteis, os miseros velhos, as pobres mulheres, as infelizes creanças. Mas então não eram 1:700; eram 12:000. Morreram de fome nos fossos.

Os tempos modernos são como os tempos antigos. Falam bem alto os campos de concentração em Cuba e no Transvaal!

Tolstoi escreve, na *Paz e na Guerra*: (edição franceza de 1901, tomo II, pags. 215): «No fim do anno de 1811, os soberanos da Europa occidental reforçaram os seus armamentos e concentraram as suas tropas. Em 1812, estas forças reunidas, que se acompanhavam de milhões de homens, comprehendendo aquelles que as

commandavam e aquelles que as deviam aprovisionar, punham-se em marcha para as fronteiras da Russia, que, do seu lado, dirigia os seus soldados para o mesmo fim. A 12 de junho os exercitos do occidente entraram na Russia e a guerra rebentou!... Quer dizer, deu-se n'esse instante um acontecimento em completo desacordo com a razão e com todas as leis divinas e humanas! Esses milhões de seres entregavam-se mutuamente aos crimes mais odiosos: mortes, pilhagens, fraudes, traições, roubos, incendios, fabrico de notas falsas... todos os crimes estavam na ordem do dia e em tão grande numero que os annaes judiciais do mundo inteiro não poderiam fornecer tantos exemplos n'uma longa série de seculos!... E entretanto aquelles que os commettiam não se olhavam como criminosos!»

Nem sempre estamos d'accordo com Tolstoi. Repellimos, sobretudo, o seu providencialismo. Contudo, essa obra excellente, verdadeiramente admiravel nas descrições das scenas da guerra e da vida das tropas, descrições que o illustre general Dragomiraf considera como um complemento dos mais uteis a qualquer curso theorico sobre a arte da guerra, essa obra excellente, dizemos, é, sem duvida, a narração da campanha da Russia mais exacta e suggestiva que se tem escripto até hoje. Como a *Débaclé*, de Zola, é a chronica mais verdadeira e real da guerra franco-prussiana.

Quem tiver conhecimentos historicos, e os completar com a leitura da *Paz e da Guerra*, de Tolstoi, e da *Débaclé*, de Zola, não pôde deixar de se rir dos taes que proclamam as vantagens e as virtudes da guerra, por mais illustres que elles sejam.

A guerra nunca foi um elemento permanente de civilisação. Foi sempre um elemento permanente de miseria, de fome, de perturbação, de barbarie, de atrazo, sem falar nas perdas horrosas em homens e nas consequencias moraes e materiaes que derivaram d'aqui.

Em 1865 as principaes nações da Europa dispndiam francos 2.574.200:000 com a manutenção dos seus exercitos. Hoje gastam 5.300.000:000. Em 1875 a marinha britannica custava 270 milhões de francos. Hoje custa 665 milhões.

Em 1875 o effectivo de paz das principaes nações europeias era de 2.660:000 homens. Hoje é de 3.120:000. O effectivo de guerra subiu de 7.900:000 a 19.700:000. De 1870 para cá, as dividas dos grandes estaos elevaram-se de 75 a 121 biliões de francos. A maior parte d'essa divida colossal provem da guerra.

Os canhões de cem toneladas, dos grandes couraçados modernos, ficam impossibilitados de servir ao fim de 93 tiros. Custam 412:000 francos. Portanto, cada tiro destroe n'elles o valor de 4:430 francos, que, juntos a 4:160 francos, custo de balas e polvora, dão o total, para cada tiro, de 8:500 francos. Mil tiros de canhão d'essa especie representam, pois, 8.500:000 francos, ou seja a renda d'um capital de 212 milhões.

Novicow, d'onde tiramos estes dados, calcula que, custando as barracas de cômo dos camponezes russos pouco mais ou menos 500 francos, o dinheiro gasto n'um só tiro de canhão de cem toneladas daria para uma familia d'essas se poder alojar n'um palacio.

Quantos soffrimentos lhes não pouparíamos, accrescenta, quanto não diminuiria a mortalidade infantil, se podessemos dar aos camponezes russos habitações que custassem 8:000 francos!

João de Bloch demonstra que o preço d'um navio de guerra de madeira, a vapor, era de 2.500:000 francos. O primeiro couraçado inglez, o *Warrior*, já custou, em 1860, perto de 9 milhões. O couraçado allemão *König Wilhelm*, construido em 1868, já custou mais de 12 milhões. O *Duilio*, italiano, custou, em 1876, perto

de 18 milhões, e o *Italia*, em 1886, chegou a 25 milhões. Portanto, o preço dos couraçados triplicou em 20 annos.

A Russia estará prestes a entrar em guerra com o Japão, se a guerra não tiver já rebentado á hora de se lêr esta carta. Nem por isso são menos verdadeiras estas palavras memoraveis da circular do conde de Mouradiev:

«Centenas de milhões são empregados em adquirir terriveis engenhos de destruição, que, considerados hoje como a ultima palavra da sciencia, perdem amanhã todo o valor com novas descobertas. A cultura nacional, o progresso economico, e a produção das riquezas acham-se paralisadas ou falseadas no seu desenvolvimento; e, depois, os armamentos, á medida que augmentam, correspondem cada vez menos ao fim que os governos se tenham proposto.»

As crises economicas, devidas em parte aos armamentos d'outranca, e ao perigo continuo que existe n'essa accumulção de material de guerra, transformam a paz armada dos nossos dias em fardo esmagador, que os povos supportam cada vez com maior custo. Parece evidente, portanto, que se tal situação se prolongar, ella conduzirá fatalmente a esse mesmo cataclysmo que se pretende afastar e cujos horrosos fazem estremecer antecipadamente todo o pensamento humano. Pôr um termo a esses armamentos incessantes e buscar o meio de prevenir calamidades que ameaçam o mundo inteiro, tal é o dever supremo que se impõe hoje a todos os Estados.»

O diplomata russo falava bem mais a voz da razão e da justiça do que o nosso Anthero do Quental e Prondhon.

E voltarei ao assumpto, que tem actualidade e curiosidade.

A. B.

D'uma correspondencia de Pariz para um jornal do Porto recortamos o seguinte:

«As autoridades principiam a estar preoccupadas com a campanha anti militarista dos socialistas avançados. Nas casernas circulam os manifestos incendiarios, aconselhando os soldados a desobedecerem aos seus superiores e troçando da ideia da patria. A bandeira é transformada em rodilha imunda. E os soldados leem com manifesta satisfação esses libellos accusatorios e terriveis contra o exercito.»

No entanto a propaganda antimilitarista não se dá apenas na França. Nas casernas da Alemanha, da Belgica e da Italia circulam os mesmos manifestos que vão pouco a pouco destruindo a disciplina militar.»

POLITICA LOCAL

Manuel Firmino era um homem prejudicialissimo aos interesses locais. Innumeros factos o demonstraram e demonstram. Mas, pondo-os de parte, basta attentar nas obras que elle ahí deixou ficar. Todas ellas são uma lastima.

É justo, porém, dizer-se, que Manuel Firmino, como homem publico, não tinha comparação nenhuma com Jayme de Magalhães Lima. Manuel Firmino não sabia, mas tinha vontade. Manuel Firmino, além da falta de capacidade, subordinava tudo aos votos. Mas nunca proclamou a conveniencia de ser extinto o districto de Aveiro, nunca se declarou indifferente perante a circumstancia de haver ou não haver regimento em Aveiro, nunca escreveu que tanto importava para Aveiro que a barra se tapasse como que se não tapasse.

Isso é que elle não fez, nem era capaz de o fazer.

Manuel Firmino commetteu o gravissimo attentado de se servir

da reacção para combater José Estevão. E aliado á reacção ficou até ao fim da vida. Por si, não era, porém, um feroz reaccionario, como Jayme de Magalhães Lima.

Jayme de Magalhães Lima faz politica com os reaccionarios e é, pessoalmente, um reaccionario convicto.

Manuel Firmino conservou sempre o seu character plebeu. Não tinha aspirações fidalgas. Odiou sempre o que se chama, na terra, *burguezia*, e foi sempre odiado por ella. Sabe-se a repugnancia que elle tinha pela gente dos balcões e o rancor que esta gente lhe votava.

Manuel Firmino nunca pediu na camara dos deputados representações para a canalha, nem escreveu com accentuado desprezo contra o povo.

Jayme de Magalhães Lima é fidalgo; Jayme de Magalhães Lima é, como sempre, o representante da ridicula *burguezia* dos balcões, o seu homem, o seu idolo; Jayme de Magalhães Lima, que tem cara de bonacheirão em Aveiro, onde pretende votos, tem manifestado dezenas de vezes, falando ou escrevendo, todo o seu rancor ao povo, como, muitas vezes, aqui o temos provado.

Manuel Firmino era um homem activo. Jayme de Magalhães Lima é uma lesma. Manuel Firmino tinha influencia para conseguir alguma coisa. Jayme de Magalhães Lima não tem influencia nenhuma.

Quer isto dizer que tendo Manuel Firmino, como politico, muitos defeitos, sendo muito mais prejudicial do que favoravel aos interesses d'esta terra, era, contudo, menos prejudicial, menos perigoso do que Jayme de Magalhães Lima, e possuia virtudes publicas que este não possui. Se Jayme de Magalhães Lima tem algumas virtudes pessoasas são para elle e para a familia. A cidade nunca tirou d'ellas proveito nenhum.

Ora se isto é assim, com que direito pretende a gentalha do Carmo, que guerreon cruelmente Manuel Firmino, fazer de Jayme de Magalhães Lima o 2.º dono de Aveiro?

O odio d'essa gente contra Manuel Firmino era de tal ordem que, já depois d'elle morto, o padre Vieira, esse biltre sem equal, convidava alguns membros republicanos da minoria da camara transacta para inutilisarem o retrato do chefe progressista, rasgando-o á navalhada ou entornando-lhe em cima qualquer liquido perigoso. Tal é o biltre! E se não o conseguin foi porque a sua repugnancia biltraria não encontrou apoio n'aquelles a quem se dirigia.

Nós combatemos sem tréguas Manuel Firmino. Mas, por isso mesmo que o combatemos, por isso mesmo que julgamos hoje o que julgavamos então, combatemos Jayme de Magalhães Lima, que se tornou com o tempo um reaccionario perigoso, e que se tem algumas qualidades pessoasas não deixa de ser prejudicialissimo aos interesses d'esta terra.

Se tem algumas qualidades pessoasas. Porque a verdade é que o excellentissimo se tornou solidario com a canalha mais ignobil que tem apparecido em Aveiro.

Nós combatemos Manuel Firmino como combatemos Jayme de Magalhães Lima. Pela mesma razão. Outro tanto se não pôde dizer dos que tendo combatido ferozmente o chefe progressista querem agora guindar a mandão supremo o chefe francaceo.

Manuel Firmino, além de tudo, era o unico a mandar. Não se subordinava a ninguem. Jayme de Magalhães Lima subordinava-se completamente ao *marchal de Liliput*, ao *Mijareta*, ao *Tinhoso*, ao *Réles*, a *Frei Bandalho*, etc. Pois não seria engraçado que os aveirenses ficassem ao mando d'estes senhores? Pois a pretensão d'estes senhores não chega a ser comica?

Porque a grande verdade é esta: Jayme de Magalhães Lima, bom ou mau, consciente ou inconscientemente, é um instrumento nas mãos da gente que o cerca. Faz o que ella lhe inspira. Guia-se cegamente pelos seus conselhos. De maneira que quem pretende dominar Aveiro, e quem, de facto, viria a dominar, não é bem elle, mas o *marchal de Liliput*, o *grand seigneur*, que olha para o povo por cima do hombro, mas o *Frei Bandalho*, que é tudo quanto ha de mais immundo, mas o *Tinhoso*, mas o *Réles*, mas o *Mijareta*, aquelle lindo *Mijareta* que parece mesmo um *menino Jesus*.

Dizem elles que somos nós que queremos mandar. Ora o que nós mandamos todo o mundo sabe. O que manda um homem que se limita a expôr publicamente a sua opinião, sem se dirigir directamente a ninguem, sem fazer directamente pressão em ninguem, sem exercer empregos nem cargos locais, sem pedir votos, sem intervir na minima coisa, salvo como jornalista, nos actos da vida local.

Não. Nós não queremos mandar e bem se vê. O que nós queremos é que não mande o *Mijareta*, nem o *Tinhoso*, nem o *Réles*, nem o *Frei Bandalho*, nem o *marchal de Liliput*, nem outros. E para isso limitamo-nos a dizer ao povo que abra os olhos e que veja. Esclareçemo-lo. Chamamos a sua attenção para as questões importantes. Dizemos-lhe que se emancipe, e que julgue por si.

Eis tudo.

É preciso salvar Aveiro d'estas influencias damninhas. A escolher entre *Mijaretas* e quejandos, colligados com os homens da Vera-Cruz, e os influentes de Agueda, não ha que hesitar. A influencia d'Agueda não é uma influencia que pese, que humilhe, que envergonhe. É poderosissima para servir os interesses de Aveiro, como já o tem mostrado. Não tem laivos alguns de reacção, porque deixou de pensar aquelle que d'esse lado professa principios retrogradados.

Pois quem fór digno, quem fór liberal, quem tiver amor á sua terra hesita um instante?

Se Manuel Firmino, como homem publico, que não o encaramos agora sob outro aspecto, nem era decoroso para nós apreciá-lo d'ontra fórma—e os homens publicos pertencem á historia—tinha defeitos, a gente que se diz representa-lo tem todos os seus defeitos e não tem nenhuma das suas virtudes e nem sombra da sua influencia. Por outro lado Jayme de Magalhães Lima, não prestando para nada como politico, não tendo nenhuma influencia pessoal, cerca-se d'uma cambada impossivel.

Pois ha que hesitar? Dirá alguém, em boa consciencia, que se deva hesitar?

A influencia d'Agueda foi providencial, porque será a unica maneira de Aveiro se livrar de uma garotada que é uma vergonha, que é uma ignominia. Todos os chefaretas de Aveiro estão subordinados a esses ignobéis garotos, por um lado, e a uns parlapatões cheios de chança, pelo outro. Só alguém educado fóra d'este meio, e vivendo fóra d'elle, se poderá subtrahir a essas influencias, indignas ou desastradas.

É o que ha de ver quem encerrar as coisas com serenidade, com calma e com justiça.

Aveiro não tem que hesitar. Nunca dará um passo, nunca sahirá do chafurdeiro, sem esmagar a politica que os do Carmo e os da Vera-Cruz representam.

E o que ella tem ganho já com a politica opposta está ahí patente aos olhos de todos.

É olhar. É ver.

Só não se convence quem, de má fé, se não quer convencer.

— Dizia um pae: Eu tenho dois filhos: um não diz o que sabe, o outro não sabe o que diz.

SCIENCIAS E LETRAS

EXPIAÇÃO

Portugal expia, com a amargura d'este momento de humilhação e anciedade, 40 annos de egoismo, de improvidencia e de relaxamento dos costumes politicos...

Sob o insulto imprevisito, esta nação parece agora acordar: mas é necessario que o protesto nacional seja ao mesmo tempo um acto de contrição da consciencia publica.

Declamar contra a Inglaterra é facil: emendarmos os defeitos gravissimos da nossa vida nacional será mais difficil; mas só essa desforra será honrosa, só ella salvadora.

Enganam-se os que julgam garantir o futuro e assegurar a nacionalidade com meios exteriores e materias, com armamentos e alardes de força militar.

Mas a verdadeira força é outra. Não é com canhões que havemos de afirmar a nossa vitalidade nacional, mas com perseverantes esforços da intelligencia e da vontade, com trabalho, estudo e rectidão.

Esse dinheiro, que o povo portuguez, n'um ímpeto de paixão patriótica, vae dar sem contar, para inúteis armamentos, melhor só empregaria no fomento da industria nacional e na reforma e alargamento da instrucção publica.

Essa reforma tanto tempo adiada pela inercia e pelo egoismo, impõe-se agora irresistivelmente. O futuro depende de todo da direcção que o movimento tomar no seu ponto de partida.

ANTHERO DO QUENTAL.

POESIA

Queixumes de amor

Eu tenho pena d'aquelles, Que, na rua esfarrapados, Pedem escassa esmola Com seus afflictivos brados.

FOLHETIM

GAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

XI

Treze annos depois

Nada. Passados trinta e tantos dias, chegou a Bragança a nova de que ella tinha morrido, com o nome de D. Antonia da Piedade, e que sua filha D. Josepha tinha casado com o medico Braz Luiz de Abreu.

Mas, tenho ainda mais pena Dos infelizes d'amor: Tem mais razão de soffrer, E' mais penosa esta dôr!

Porque, os pedintes da rua Co'as lamurias conseguem Incurtir dô, piedade: Algum amparo recebem.

Os pobres do coração — Esses — só buscam demora Em alguém, que lhe diz sempre: — Não te attendo; vae-te embora!

ARMANDO PESTANA.

BODO AOS POBRES

No dia de Natal foi distribuido no atrio do Theatro Aveirense, o bôdo offerecido pelo sr. João dos Santos Silva e ampliado pela direcção do Recreio Artístico, aos pobres.

Constou de um pão, 500 grammas de arroz, 500 ditas de carne, 250 ditas de toucinho, 1 prato fainça e quarenta reis em dinheiro. Foram mais distribuidos 5 litros de vinho a 10 pobres.

A direcção do Recreio Artístico, além de ter sido incansavel em promover os progressos d'aquella Sociedade, tambem se não discutiu em arranjar diversões para os socios, finalizando agora por este acto de benemerencia que muito a nobilita, assim como aos cavalheiro que concorreram para tão sympatico fim.

FREI BANDALHO

O biltre, que tem tanto de ridiculo e asno como de pulha, quer, agora que o partido republicano nos expulse do seu gremio.

E' d'aquellas muitas baboseiras que elle diz e que, á força de comicas ou asnaticas, nunca nos merecem uma unica referencia. Porque, é de vêr, nós só respondemos áquillo que serve aos nossos fins. E deixar lá o imbecil na doce illusão de que as suas injurias nos incommodam ou prejudicam.

O' mais importante é elle dizer que não sabe porque é que o nosso velho compadre Domingos Leite, e o nosso velho admirador Jayme Duarte Silva, sendo republicanos, fazem causa commum com o sr. Jayme de Magalhães Lima.

Então o compadre, sério, sério, continúa a ser republicano? O' compadre, desculpe! Nunca imaginámos que o compadre continuasse a ser republicano. Então o compadre continúa a ser republicano? O' compadre! O' compadre! Nunca imaginámos tal, compadre. Com franqueza. Suppunhamos, até que a maior injuria que se podia hoje fazer ao compadre era chamar-lhe republicano. Que o compadre perdoaria tudo, tudo, menos isso!

muitos bens de raiz e vivia abastadamente. As minhas occupações não me deixaram ir a Aveiro, e já agora morrerrei sem ver D. Josepha, que deve estar perto dos quarenta, ou quem sabe se ja está na eternidade!

— Irás agora a Aveiro comigo— disse Francisco Luiz. — Quero vela, sem que ella saiba que eu fui o maior amigo de seu pae. É preciso temer-lhe o marido, visto que elle tanta familiaridade tem com o santo officio. Tu a procurarás, e darás azo a que eu a veja e lhe falle como desconhecido. Uma boa lembrança... Irei consultar-lhe o marido, fingindo de doente estrangeiro, a quem chegou a nomeada de tão abalisado medico. Contar-lhe-hei muitissimos padecimentos que elle ha de classificar de muitissimas maneiras, e assim mais ao alcance de ouvir D. Josepha dizer-me alguma coisa de seu pae. Ora, diz-me tu: nunca D. Maria te disse que deixara um filho em Portugal, quando fugiu para Hespanha?

Pois o nosso amigo José Marques d'Almeida não é republicano, e o compadre é republicano? Isso é sério, compadre?

O órgão do campadre, porque a Nova Corneta do Diabo sendo órgão do grupo ha de ser inspirada pelos marechaes, o órgão do compadre, dizemos, contesta que sejam acompanhados aquelles que nos acompanham e troça d'elles, incluindo a minoria da camara municipal, afirmando, juntamente, que republicanos verdadeiros, republicanos d'alto lá com elles, são os que acompanham o Jayme de Magalhães Lima. Logo, o sr. José Marques d'Almeida, membro da camara municipal, não é republicano, e quem o é, da gemma, é o sr. Domingos José dos Santos Leite.

Passar assim ao compadre um diploma de tanto plebeisino é affronta!

Mais republicano, o nosso aristocratico compadre, do que o plebeu José Marques d'Almeida, é a ultima das affrontas!

Assim o reputamos. Já não dizemos o mesmo do nosso velho admirador Jayme Duarte Silva. Este disse tanto mal de Domingos Leite e da camara de commercio que... é capaz de ser ainda republicano. Esse é, concordamos. Esse, é tudo. E quem é tudo, ha de ser, por força, republicano.

Mas não sabe a Nova Corneta do Diabo porque sendo Jayme Duarte Silva, Domingos Leite, e outros, — se ha outros, — patriotas e republicanos, fazem causa commum com Jayme de Magalhães Lima.

E' simples. Porque Jayme de Magalhães Lima defendeu a suppressão do districto de Aveiro. Porque Jayme de Magalhães Lima tanto se importa que haja em Aveiro regimento como que não haja. Porque a Jayme de Magalhães Lima é inteiramente indifferente que a barra esteja em boas ou esteja em más condições. Isto quanto ao patriotismo. E quanto ao republicanismo porque Jayme de Magalhães Lima declarou, na camara dos deputados, que a dictadura de João Franco era uma revolução de mais valia que as que se fizeram em Portugal com as armas na mão. Porque Jayme de Magalhães Lima disse, na camara dos deputados, que se tinha a censurar alguma coisa a João Franco era a tolerancia com que elle tinha procedido. Porque Jayme de Magalhães Lima escreveu, na imprensa, e disse, na camara dos deputados, que era preciso trazer sempre o povo acorrentado.

Ora eis ahí porque os celebres republicanos fazem parte do grupo de Jayme de Magalhães Lima.

Quanto a dizer o immundo padrea que nós só castigamos a apostasia dos republicanos francecos, mente o biltre, como sempre.

Castigámos n'este Povo de Aveiro tanto a apostasia dos republicanos francecos, como a aposta-

— Disse que esse menino o considerava morto: uma só vez me fallou d'elle; mas as lagrimas eram tantas que eu me esquivei a pedir-lhe promoenres da creança, de modo que nem soube que o menino ficara em tua companhia, nem depois passara á dos Moraes de Villa Flor. Eu não te disse ainda que D. Maria, ás temporadas, parecia cair em modorra e paralyasia de entendimento. Esquecia-se e quedava-se n'umas cogitações taciturnas; e, se lhe tiravam muito pela falla, respondia disparates. De sorte que eu a respeito do filho, que ella dizia ter deixado em Portugal, não cheguei a fazer perfeito juizo, nem a mesma filha estava convencida de que elle tivesse existido: a prova era que elle ouvia com certa estranheza as revelações confusas que a mãe me fazia sobre as desgraças do seu longo desterro e captiverio. Pôde ser que tu, Francisco, se te deres a conhecer a D. Josepha, venhas a obter muitos esclarecimentos, que eu mal posso dar-te

sia dos republicanos progressistas. Mente o biltre, como sempre.

PUBLICAÇÕES

A Semana Illustrada. — Recebemos o n.º 5, que vem, como sempre, magnifico.

A Revista, mensario de sciencias e letras.

Recebemos o n.º 6 d'esta excelente publicação. Publica 7 cartas inéditas de Anthero do Quental e artigos de Julio Moreira, Manuel Lorangeira, Vieira da Costa e outros. Preço de cada numero 50 réis.

Assigna-se na rua da Reboleira 27 — PORTO.

Tratado de Contabilidade. — Recebemos as cadernetes n.º 19 e 20.

OS DOIS GAIATOS

Por ironia offerecemos alviçaras no nosso penultimo numero a quem decifrasse o enigma de qual dos dois gaiatos da Corneta do Diabo teria mais vergonha, sem esperarmos que nos respondessem, mas, qual não foi a nossa admiração ao recebermos pelo correio as seguintes cartas:

... SR. REDACTOR.

Com a epigraphe, Os dois gaiatos, offerece v. alviçaras a quem decifrar o enigma, qual dos dois tem mais vergonha?

Será menos ou mais?

Olhe; eu vou pelo rifão antigo e creio que as tenho ganho: Ambos os dois não teem barba, e por isso lá diz o aphorismo: quem não tem barba não tem vergonha e quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

Ambos aparelham bem a uma corroça para fazerem a conducção dos pirolitos pela cidade.

E creia que ficam muito bem entregues ao Rôto, que é o cocheiro do fabricante dos taes refrescos.

Se entender que as ganhei, mande-as ao seu admirador

A.

14-12-903.

... SR. REDACTOR.

Vergonha, vergonha; anda cá vergonha que te quero vêr...

Por isso v. offerece alviçaras a quem descobrir qual dos dois gaiatos tem mais vergonha! E' por que sabe que as não tem de dar!

Aquillo podem-se medir pela mesma bitôla, e creia que quando a sr.ª Vergonha passou junto a elles, levava uma velocidade de mil e quinhentas milhas á hora.

O Chica, ainda assim, é que tem andado algumas vezes, de noite, com a lanterna de Diogenes, como quem anda ás minhocas ao candeio, á procura da tal sr.ª, mas ella é que lhe não apparece nem á quinta facada.

porque sinto enfraquecida a memoria, e preciso espertal-a com a leitura dos meus apontamentos. Quem melhor te poderá referir a vida de Antonio de Sá, a meu ver, é o marido da filha; mas poderá elle—o familiar do santo officio e author da vida de Santo Antonio—que tu saibas a procedencia hebraica de sua mulher, embora possa ufanar-se de serem netos de Fernão Cabral os seus filhos? Não terá elle medo de que o santo officio lhe saia ainda a pedir centas á mulher dos delictos do pae e da mãe?

— Isso é claro — observou Abreu. — Nem eu lho perguntaria, nem elle me contaria coisa alguma allusiva á filha de Antonio de Sá. De mais a mais, já eu te disse que respasta me elle deu para Amsterdão. Devemos ir prevenidos contra o genio irritavel do homem; é preciso muitissimo cuidado, que não vamos indiscretamente perguntar-lhe de quem é filho.

No dia seguinte ao meio dia, os velhos chegaram a Coimbra, e anda-

E quem sabe se terá medo d'elle?! E' possível. De v. sr. redactor, etc.

Um assignante.

Provou-se, pois, mais uma vez, que são dois refinadissimos gorotos, com a mesma refinadissima bitôla.

Notas alegres

Depois de uma batalha, foi necessario cortar uma perna a um capitão.

— Porque choras, imbecil? pergunta elle ao seu impedido. — Porque choras tu? Não vez que, de hoje em diante, só tens de me limpar uma bota?

Um viuvo, depois de ter enterrado a esposa e apertado a mão aos amigos, teve uma questão com um dos cocheiros que serviram com os carros no funeral.

Terminado o incidente, disse o saudoso viuvo: — Tinha a certeza de que não acabava o meu dia sem soffrer algum desgosto!

N'uma loja de passarinhoiro: — Essa cotovia falla?

— Não, senhor. — Não importa; eu compre-lh'a. Passando tres dias ao lado de minha mulher, ha-de fallar por força.

Uma rapariga é abandonada pelo amante, rapaz francez que a deixava no seu estado interessante.

— Goitada. Que infelicidade de pequena, exclamam as visinhas.

— Ainda acho mais infeliz a creança que vae nascer, interrompe uma velhota. Quem se ha-de entender com ella, se nenhuma de nós sabe fallar francez?!

Indo uma saioja com duas filhas, perguntou-lhe um janota se queria vender as frangas.

— Não senhor, respondeu ella, mas cedo-lhe os ovos.

PREVENÇÃO

PARTICIPO a todos os meus estimaveis freguezes que não sendo exactas as contas que me tem prestado o meu antigo creado Manuel de Pinho das Neves, da cobrança que por muitas vezes fazia, a todos previno de que nada lhe deverão entregar de hoje em diante, sem carta por mim assignada.

Verdemilho, 2 de dezembro de 1903.

Antonio Gonçalves Bartholomeu.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encomendas e «marés» de junco.

ram procurando as differentes casas em que tinham morado.

Ao segundo dia de repouso, cuidaram em jornadas para Aveiro. Pouco antes da partida, chegou a Coimbra um proprio enviado da casa de José de Barredo, noticiando-lhe que sua mulher estava em perigo de vida. Desfez-se o plano de irem juntos a Aveiro, e foram juntos para Bragança. Francisco Luiz de Abreu quiz acompanhar o velho amigo, no proposito de lhe desacerbar as lagrimas da viuvez, se a desgraça fosse inevitavel. Era Francisco Luiz assistiu aos funeraes da esposa de José Barredo. Equando o velho parecia conformar e esquecer-se entre as caricias de muitos filhos, despediu-se por alguns dias, e saiu sózinho de Bragança em direitura a Aveiro.

(Continúa.)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em lão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, estrume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

"Povo de Aveiro."

Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

Bibliotheca

HORAS ROMANTICAS

Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores, antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros

100 REIS CADA VOLUME

ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA

Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos

PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.

100 reis o volume

Cada pagina de leitura por menos de um real

IDÉA E FINS DA PUBLICAÇÃO

O fim d'esta publicação é o de concorrer para que o povo portuguez conheça a sua litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarisação d'obras primas tornando-as familiares e accessiveis a todos.

A Bibliotheca Horas Romanticas publicará de cada auctor, o mais selecto, o melhor, o que é indispensavel ser conhecido. O seu formato será elegante, commodo e portatil. Abundantissima a leitura de cada volume.

É nosso empenho conseguir que a Bibliotheca Horas Romanticas seja tão instructiva como delectavel; que os seus livros possam chegar ás mãos de todos constituindo em todas as familias e em todas as corporações associativas uma encyclopedia consoadora, a qual todos estimem e tragam frequentemente manuseada.

VOLUMES PUBLICADOS

- N.º 1 a 3.—'Quo vadis?' por Henry Sienkiewicz.—N.º 4.—'Vila e aventuras de Lazarillo de Tormes', por Diego Hurtado de Mendoza e H. de Luna.—N.º 5.—'Eulalia Pontois', por F. Soulié.—N.º 6.—'A manadeira fatal', por E. Berthet.—N.º 7.—'O Senhor Euz', por Salvatore Parina.—N.º 7 a 7 b.—'O fogos', por Gabriel d'Annunzio.—N.º 8.—'Caricias d'uma noiva', Bjornstjerne de Bjornsm.—N.º 9.—'Palavra de soldado', por Jorge Elwall.—N.º 10.—'A pella do Peão', por C. de Bernard.—N.º 11 a 13.—'A morte dos Deuses', por Dmitry de Merejkowsky.—N.º 14.—'A corda do carrasco', por Petosi.—N.º 15.—'Idyllas á beira d'agua', (2.ª edição), por Alborio Pimentel.—N.º 16.—'Ferraz maldita', por V. B. Ibanez.

Remette-se qualquer d'estes volumes, FRANCO DE PORTE, a quem enviar a sua importação á 'A Editora' (antiga casa David Corazzi)—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 53000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 65000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1.º vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

Campo de Flores, Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.ª LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.ª (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS. Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra. Extrahê, obtura, coloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras. R. DIREITA, 58, 1.ª Aveiro. BAGAÇOS ALIMENTARES. VENDE-SE em antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, em direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA DA ACREDITADA FABRICA "PFAFF," Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN Não estas as melhores machinas de costura. A machina «PFAFF» para costureiras, A machina «PFAFF» para alfaiatas, A machina «PFAFF» para modistas, A machina «PFAFF» para sapateiros, A machina «PFAFF» para seleiros, A machina «PFAFF» para corrieiros, A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambrata ao mais grosso cabedal. A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura. Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Conserta-se machinas de todos os systemas. Peçam catalogos illustrados que se remette gratuitamente. Pedidos a José Maria Simões & Filho ANADIA—SANGALHOS

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda livros RICARDO DE SA

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Athenaeo Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recommendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha aproximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes nas provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

'A NOVA PHASE

DO

SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA

POR

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCCÃO PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 REIS

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na

CASA EDITORA

LIVRARIA ALLAUD

Rua do Ouro, —242-1.ª LISBOA

ARMAZENS DA BEIRA-MAR DE MANUEL GONÇALVES MOREIRA PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22 R. DOS MERCADORES, 1 A 5 AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.) Preços fixos VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros. Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida). Unico deposito dos vinhos espuinosos da Associação Vinicola da Bairrada. Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas. Louças de porcelana, quinquilharas, bijouterias, perfumarias (importação directa). Flores artificiaes e corôas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações. N. B.—Não se aviamencommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO! As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix. É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições. AVEIRO 75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79